

Breve panorama da história da fotografia brasileira nas últimas décadas do século XX – O papel da Funarte para as políticas públicas no campo da fotografia.¹

Mônica Zarattini²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo visa fazer um apanhado histórico das atividades no campo da fotografia nas últimas décadas do século passado, da ditadura militar até as primeiras décadas deste milênio a fim de identificar quais políticas públicas foram implantadas. Percebe-se que a Funarte (Fundação Nacional de Artes) exerceu um papel determinante, por pelo menos vinte anos contribuindo para o sucesso e desenvolvimento deste campo no que tange às atividades de formação, mostras, memória e publicações. Por meio de pesquisa bibliográfica e entrevistas, percebe-se que estas políticas públicas direcionadas especificamente para o campo da fotografia não perduraram até os dias atuais. Nesse sentido, objetiva-se pontuar alguns aspectos necessários.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; Funarte; arte; política, artes visuais.

Introdução

Ao realizar um brevíssimo histórico de relevantes manifestações artísticas nos últimos sessenta anos no campo da fotografia inserida nas artes visuais, período em que estivemos sob vinte anos de ditadura militar e quatro anos sob um governo obscurantista, pretende-se neste artigo identificar em quais momentos se implantaram políticas públicas voltadas para o segmento. Mesmo sem um distanciamento histórico ideal, o artigo intenciona trazer à tona o debate das políticas públicas efetivas e direcionadas às atividades que envolvem a fotografia.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia no evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na etapa remota realizada de 29 a 31 de agosto de 2023.

² Doutora em Artes/ PGEHA-USP e Mestre em Ciências da Comunicação/ECA-USP: monica.zarattini@gmail.com

Anos 1960/1970

Mesmo com a censura e a repressão imposta pela ditadura militar no período de 1964 a 1985, a arte sobreviveu e conseguiu ser um meio para muitos artistas escaparem da situação turbulenta em que o país estava mergulhado. A arte teve um papel preponderante para denunciar a situação política em que se encontrava nosso país: “Canções de protesto cantadas por Geraldo Vandré, Chico Buarque de Holanda e Elis Regina ganharam o país e fortaleceram a resistência. No cinema, Cacá Diegues e Glauber Rocha levaram para as telas histórias de um povo que perdia seus direitos mínimos. No teatro, grupos como o Oficina e o Arena mostravam peças de autores brasileiros que abordavam a trágica situação do país na época.” (Zarattini, 2019, p.56).

A fotografia moderna marcada por abstrações, fortes contrastes do preto e branco, linhas e geometrizações entrou em declínio na década de 1960 para 1970. Nesse momento, alguns artistas plásticos exploraram a fotografia na produção de suas obras e, em muitas ocasiões, suas criações foram utilizadas para manifestações contra o regime. Lembro aqui alguns: Anna Maria Maiolino, Carlos Zilio, Antonio Manuel.

Destaco da carreira da artista Anna Maria Maiolino, a série de fotografias chamada “Fotopoemação” (Figura 01), recentemente exposta na Pinacoteca de São Paulo³. Em “Mulheres Radicais”, ela construiu poemas visuais fazendo *performances* voltadas para a câmera fotográfica levantando questões políticas por um viés sutil da subjetividade. Nessa série, Maiolino sugere uma possível mutilação do seu corpo com autorretratos que sugerem cortar a própria língua e nariz criando uma metáfora sobre os horrores da ditadura militar.



Figura 01: Da coleção da artista Anna Maria Maiolino, fotografias da série Fotopoemação, 1974. **Fonte:** site da artista.

³ Exposição “Mulheres Radicais”, da qual Anna Maria Maiolino participou, na Pinacoteca de São Paulo, em setembro de 2018. Ver reportagem de Gabriela Longman, “Exposição ‘Mulheres Radicais’ transforma corpo feminino em sujeito”, do jornal *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://twixar.me/BXc3>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

Carlos Zilio, artista e militante político, produziu “Lute”, uma famosa marmitta de alumínio que, ao invés de conter comida, trazia uma máscara em papel *marchè* com a palavra “lute”, em vermelho, inscrita numa tarja colada na boca de um rosto anônimo. A marmitta de Zilio veio no auge do regime militar que já preparava o AI-5. Nesse período, Zilio também usou a fotografia como parte de seu fazer criativo em muitas obras, entre elas uma de 1974 quando fotografou dois pés descalços (Figura 02), como se fossem de um “defunto”, com a etiqueta “Identidade Ignorada”. Com isso, o artista lembra do anonimato em que se encontravam os desaparecidos políticos.



Figura 02: “Identidade Ignorada”, fotografia p&b, 18cm x 24cm, de 1973. Coleção do artista Carlos Zilio.
Fonte: site do artista.

Outro artista tão irreverente quanto Maiolino e Zilio, foi Antonio Manuel. Usou a própria fotografia dele nu como parte de uma escultura inserida num acrílico com a palha e madeira. A fotografia mudou de patamar: de registro documental, sua função primeira, virou suporte que fez parte da sua criação.

Em pleno ano de 1970, o artista se inscreveu no 19º Salão de Arte Moderna apresentando o seu próprio corpo como obra de arte a ser analisada pelo júri. O título da obra era o seu próprio nome e as dimensões, as medidas de seu corpo. Foi excluído do Salão, então, como protesto, apareceu nu na abertura da exposição, na parte de cima do saguão e depois realizou uma *performance* em que descia as escadas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no qual este ato tornou-se simbólico. A *performance* foi fotografada e, com o material, Zilio construiu uma caixa de dois metros de altura, deu o nome de arte de “Corpobra”. (Figura 3). O interessante é que essa obra foi projetada para interagir com o espectador: há uma alavanca atrás da caixa que, ao ser acionada, troca a fotografia com a tarja que cobre seu pênis, por uma outra fotografia sem ela. (Zarattini, 2019, p.59).



Figura 03: “Corpobra”, 1970, fotografia, palha, madeira e acrílico, 200 x 48 x 48,5cm pertencente à Coleção Gilberto Chateaubriand MAM RJ. Fotos de Romulo Fialdini e Valentino Fialdini. **Fonte:** MAM-RJ.

Os trabalhos dos artistas citados uniram arte, vida e política com o uso da fotografia como suporte. Em paralelo, também se destacaram nesse período, muitos fotógrafos documentaristas e fotojornalistas que buscaram nossas raízes, nossa identidade, procuraram o Brasil “profundo” que estava sufocado pela falta de liberdade do período militar. Marcos Santilli, em 1977, desenvolveu o projeto Nharamaã, com o qual registrou por audio e foto as transformações humanas e ambientais na Amazônia e em Rondônia. Pedro Martinelli, em 1973, encontrou os desconhecidos e isolados índios “gigantes” Kranhcârore. Em 1970, Claudia Andujar percorreu a Amazônia e realizou uma série de reportagens especiais para a Revista Realidade sobre os índios Yanomami (Figura 04) e a partir de então engajou-se para sempre na luta pela demarcação das terras daqueles indígenas. Em 1978, foi enquadrada na Lei de Segurança Nacional criada para calar a oposição e foi expulsa pela Funai das terras indígenas. Regressou para São Paulo, mas não desistiu da luta pela demarcação do território Yanomami que finalmente se concretizou em 1992. Suas imagens, além de oníricas e mágicas, também carregavam protestos em sua gênese.



Figura 04: Foto de Claudia Andujar, série Casa, sem título, 1974, exposta em Inhotim, nov. 2015. **Fonte:** Inhotim.

No campo do fotojornalismo, se destacaram olhares com fina ironia sobre a cobertura do poder em Brasília como por exemplo o do fotógrafo Luiz Humberto e a documentação ímpar das manifestações contra a ditadura feitas por Evandro Teixeira no Rio de Janeiro.

Anos 1980

Unidos em busca de uma luz no fim do túnel, muitos fotógrafos documentaristas e fotojornalistas começam a se organizar em agências independentes: em São Paulo, em 1979, a Agência F-4 foi fundada por Nair Benedicto ao lado de Juca Martins, Ricardo Malta e Ricardo Azoury. Logo surgiu a sucursal no RJ com Rogério Reis e João Roberto Ripper. Em Brasília, nasceu a Ágil, sob a liderança de Milton Guran. Mais tarde, em 1982, surgiu, em São Paulo, outra agência, a Angular, fundada e liderada por João Bittar, juntamente com os fotógrafos Marisa Carrião, José Luiz Bittar, Cristina Villares e Wagner Avancini. Inspirados pela agência francesa Magnum, a filosofia de trabalho desses fotógrafos era documentar o que acontecia com o povo brasileiro naquele momento e, então, levantavam pautas que a grande imprensa não costumava explorar: situação dos menores, luta dos índios por suas terras, garimpos, movimentos de trabalhadores e de luta social, questões relacionadas às questões das mulheres e de gênero, entre outras. Assim, os fotógrafos tinham a posse dos seus negativos e a liberdade de editar e propor suas pautas.

A ditadura já estava ficando insustentável, os metalúrgicos do ABC paravam as fábricas e a criação da Funarte, em 1975 fez parte da estratégia do governo Geisel para

efetivar a tal abertura política “lenta e gradual” – um investimento cultural que poderia acalmar ânimos. Foi nessa conjuntura, em 1978, que os fotógrafos cariocas Zeka Araujo e Sergio Sbragia apresentaram à Funarte a ideia de inaugurar uma galeria de fotografia nos porões do Museu de Belas Artes (RJ). Criou-se o Núcleo de Fotografia e Zeka Araújo o coordenou até 1982. Em 1984, o Núcleo de Fotografia se transformou em Instituto Nacional de Fotografia, o INFoto, sob direção do fotógrafo e pesquisador Pedro Vasques (1982-1986) e depois foi dirigido pelo fotógrafo Walter Firmo (1986-1990). Até 2003, a professora Angela Magalhães foi coordenadora de fotografia da Funarte e enfrentou o primeiro desmonte quando o presidente Fernando Collor extinguiu o Ministério da Cultura logo depois de empossado. Nesse período de 1978 até o final do século XX a Funarte foi fundamental e trouxe muitos ganhos para nosso campo com atividades que contemplavam exposições, organização de encontros como os das Semanas de Fotografia, publicações de livros, prêmios específicos para fotografia que deram projeção da fotografia brasileira no exterior como por exemplo, impulsionando nossa participação nos Colóquios Latino-Americanos de Fotografia.

Na galeria, várias convocatórias uniram imagens de fotógrafos de todo o país, como por exemplo as mostras: “Nossa Gente”(1979) , “Lazer”(1979), ”Classe Média Brasileira” (1980) e “Visita do Papa” (1980) e “Trabalho”(1982). Essas exposições coletivas visavam “mapear a produção nacional exibindo trabalhos de fotógrafos residentes em diversos estados brasileiros” (Monteiro, 2021, p.76). Para se ter uma ideia, a primeira exposição de Sebastião Salgado, “Outras Américas”, foi realizada justamente na galeria da Funarte, em 1982; as imagens mostravam a desesperança do povo latino americano em potentes retratos em preto e branco. “Nos quase seis anos de existência do INFoto, mais de 100 mostras fotográficas coletivas e individuais foram produzidas, boa parte delas registrada em catálogos e livros.” (Magalhães; Peregrino, 2004, p.83). Alguns catálogos dessas mostras “reproduziam as imagens em folhas soltas, de modo a permitir a exposição, divulgação de trabalhos e novas tendências no campo. Eles foram pensados também para serem utilizados para ensinar e debater sobre a fotografia tanto em salas de aula quanto em associações e outras agremiações como fotoclubes.” (Monteiro, 2021, p.77). A Galeria de Fotografia da Funarte tornou-se uma

referência para fotógrafos do RJ e do Brasil uma vez que além dessas mostras tinham um conjunto de iniciativas como projeção de slides, palestras de segundas-feiras que tratavam as questões relativas à regulamentação da profissão e do direito autoral, enfim, no contexto da ditadura esse espaço consolidou a atuação dos fotógrafos. (Monteiro, 2021,p.78)

Pensando do ponto de vista de formação, as oito semanas de fotografia, organizadas pela Funarte espalharam por nosso país muita reflexão e conhecimento e foram realizadas em diferentes territórios: I SNF (Rio de Janeiro, 1982), II SNF (Brasília, 1983), III SNF (Fortaleza, 1984), IV SNF (Belém, 1985), V SNF (Curitiba, 1986), VI SNF (Ouro Preto, 1987) (Figura 05), VII SNF (Rio de Janeiro, 1988) e VIII SNF (Campinas, 1989). Tudo indica que essa mistura de estudantes com fotógrafos profissionais mais experientes e consagrados que se deslocavam de norte a sul do país, em grupos, ou mesmo sozinhos, para esses encontros sistemáticos – que tinham a dosagem certa entre o formal e o informal –, criou um cenário de cultura para uma convivência espetacular com troca de saberes. Não há registros de encontros de tal magnitude durante a ditadura militar e somente com o início da redemocratização foi possível a reunião de pessoas em volta dos mesmos interesses. As semanas de fotografia propiciaram um debate muito intenso e profícuo em torno da linguagem fotográfica, condições de trabalho e mapeamento nacional da produção do setor. Sem o mundo da internet, as dificuldades para a organização das semanas eram um desafio ímpar – “Nossas ferramentas de trabalho exigiam tempo e paciência: o correio, o fax, o telex e o telefone eram os únicos canais de comunicação.” (Magalhães et al., 2022, p.27).



Figura 05: VI Semana Nacional de Fotografia. Ouro Preto-MG, 1987. À frente, Walter Firmo. **Fonte:** Acervo Angela Magalhães.

A Funarte teve também um ambicioso projeto editorial, como exemplo, dentre muitos livros publicados nos anos 1980, há que se destacar o livro “As origens e expansão da fotografia no Brasil, no século XIX”, do historiador e fotógrafo Boris Kossoy que revelou o pioneirismo do francês Hercule Florence (1804-1879), que residiu em Campinas (SP) e foi responsável por uma descoberta isolada da fotografia aqui no Brasil, mantida praticamente no anonimato por cerca de 140 anos. (Figura 06). Sem falar no clássico do professor Arlindo Machado, o livro "A ilusão especular”, cuja teoria coloca em xeque a objetividade da fotografia e sua fidelidade de ligação ao real e a verdade. Além de livros e catálogos, a Funarte também publicou muitas pesquisas acadêmicas e fez uma parceria com o *Consejo Nacional de La Cultura de Venezuela* que contemplava artigos de investigadores relacionados as questões da Amazônia. (Magalhães et al., 2022, p.21).

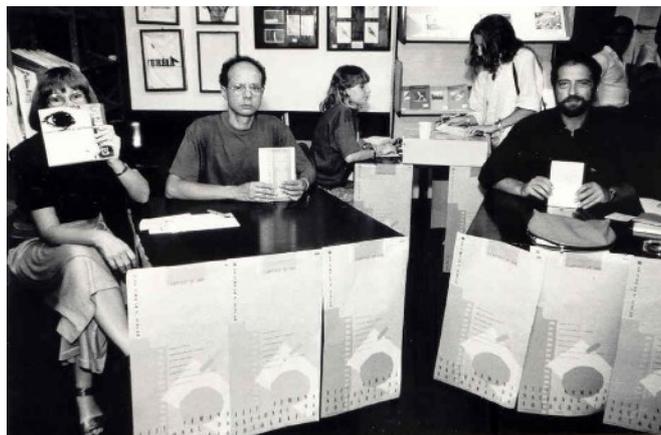


Figura 06: VIII Semana Nacional de Fotografia. Campinas-SP, 1989. Lançamento de livros, com Rosary Esteves, Joaquim Paiva, e Boris Kossoy. **Fonte:** Acervo Angela Magalhães.

A Funarte também foi responsável pelo Prêmio Marc Ferrez de Fotografia que contou com dezesseis edições de 1984 até 2021 e pelo Prêmio Nacional de Fotografia, com quatro edições de 1995 a 1998. Esses prêmios foram muito relevantes na medida em que projetaram nossa fotografia para além das fronteiras e seus aportes incentivavam pesquisas e projetos artísticos. Nomes como Eustáquio Neves (MG) e Elza Lima (PA), contemplados em 1994 e 1996, tiveram caminhos abertos para merecidos reconhecimentos.

Em paralelo às atividades do INFoto, ocorria na Cidade do México o primeiro e segundo Colóquio Latino-americano de Fotografia em 1978 e 1981. O terceiro colóquio foi em Havana, em 1984, o quarto colóquio em Caracas, em 1993 e novamente a Cidade do México voltou a sediar o quinto colóquio, em 1996. Nesse cenário, alguns fotógrafos brasileiros como Nair Benedicto, Stefânia Brill, Antonio Saggese, Luiz Abreu, Pedro Vasquez, Claudia Andujar e João Urban participaram ativamente das convocatórias dos colóquios⁴ enviando imagens e também muitos foram participar presencialmente de mesas de debate e encontros. Os Colóquios Latino-Americanos de Fotografia trouxeram uma unificação dos discursos sobre fotografia produzidos na América Latina e também possibilitaram o conhecimento do que se produzia nos países vizinhos. O formato deles era inspirado no “Rencontres Internationales de La Photographie d’Arles” e do

⁴ “Funarte, a través de entonces Instituto Nacional de Fotografia (InFoto), lanzó en 1987 el libro *Hecho en Latinoamérica*, con textos, debates, entrevistas del Segundo Colóquio Latinoamericano que tuvo lugar en Mexico em 1981.” (Tacca, 2013, p.146)

“International Center of Photography (ICP)” com simpósios e mesas redondas, oficinas, exposições em museus e galerias cujas fotos chegavam por meio de convocatórias. (Zerwes, E.; Costa, E.A., 2017, p.147). Rubens Fernandes (2003) da lembra que a participação de brasileiros nos Colóquios Latino-americanos em Cuba e México teve grande destaque e que a partir daí, revistas especializadas do exterior começaram a olhar nossa fotografia e a publicar nossas imagens: “A belga *Clichês*, por exemplo, em 1985, posicionou a fotografia do Brasil entre as sete melhores do mundo; a alemã *European Photography*, no mesmo ano, classificou-a entre as cinco melhores do mundo.” (Fernandes, 2003, p.172).

Anos 1990

De 1978 até o final do século XX, a Funarte teve de fato uma política pública para o campo da fotografia e propiciou um enorme amadurecimento profissional aos artistas e fotógrafos. Em 1991, o governo Collor não conteve a crise econômica e a área cultural foi totalmente desestruturada, inclusive o INFoto. As interferências destrutivas do governo na cultura provocaram inúmeras discussões no meio artístico que debatia como seria possível reagir e se reorganizar contra o desmonte. Foi nesse sentido que o NAFOTO, grupo de fotógrafos encabeçado por Nair Benedicto, Fausto Chermont, Rubens Fernandes e outros, teve enorme destaque, uma vez que organizou, a partir de 1993, o 1º Mês Internacional da Fotografia e seguiu por oito edições até 2007. Esse evento bianual teve enorme relevância, mostrou a potência e diversidade da nossa produção artística: logo no primeiro Mês Internacional da Fotografia foi realizada a exposição “Fotografia Brasileira Contemporânea anos 50 a 90”, no SESC Pompéia, em São Paulo, com 1200 fotografias e participação de profissionais de todo o Brasil. Muitas exposições individuais também destacaram nossos artistas como as de Gal Oppido, Luis Braga, João Roberto Ripper, Vânia Toledo, Mario Cravo Neto e Carlos Moreira, entre outras. Esses encontros, organizados de dois em dois anos pelo grupo NAFOTO promoveram um intercâmbio com a fotografia estrangeira até então muito pouco conhecida: imagens da mexicana Graciela Iturbide, do francês Robert Doisneau, do alemão Andreas Muller-Pohle, do japonês Keiichi Tahara, do peruano Martin Chambi,

do theco Josef Koudelka, do africano Seydou Keita, do polonês Bernard Plossu, da americana Dorothea Lange puderam ser conferidas *in loco* pelo nosso público. Essa conexão entre nossa fotografia e a de outros países foi o ponto forte. As oito edições foram realizadas nos anos de 1993, 1995, 1997, 1999, 2001, 2003, 2005 e 2007 e solidificaram o intercâmbio cultural almejado com a fotografia da América Latina, EUA e Europa⁵ pois destacaram uma quantidade de expressivos fotógrafos estrangeiros que estiveram no Brasil, bem como dos brasileiros, que na época apresentavam suas criações.

Todo esse trabalho no campo da fotografia que envolveu profissionais brasileiros e estrangeiros durante as oito edições do Mês Internacional da Fotografia não contou com qualquer verba pública. A Lei Rouanet foi promulgada em dezembro de 1991 com intuito de fomentar a cultura ao isentar empresas e pessoas físicas de impostos quando fossem destinados à projetos culturais. Apesar de hoje a lei completar mais de 22 anos e e ter sido fundamental para a cultura brasileira, as parcerias do Mês Internacional da Fotografia para obter financiamentos eram com os consulados, com a Aliança Francesa, o Instituto Goethe ou mesmo o Serviço Social do Comércio (SESC). As oito edições foram aprovadas na Lei Rouanet mas os organizadores não conseguiram na época captar recursos via essa lei. (Zarattini, 2013, p. 73). Uma vez a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, sob o comando de Ricardo Otake, entre 1993 e 1995, contribuiu diretamente com alguma verba. Segundo Fausto Chermont, um dos diretores do Mês, os eventos sempre eram deficitários e contavam com permutas de passagens, hotéis, restaurantes e transportes para os convidados estrangeiros.⁶

Novo Milênio

Entramos no novo século e milênio com o surgimento de inúmeros festivais de fotografia, exposições, publicações de fotolivros, encontros, oficinas, feiras, seminários espalhados pelo Brasil. Aqui serão citados apenas seis festivais, os mais longevos e

⁵ Para maiores informações sobre as atividades das oito edições do Mês Internacional da Fotografia, consulte o capítulo 4 da tese de doutorado de minha autoria e veja na Tabela III a relação com os nomes dos convidados nacionais e internacionais presentes (Zarattini, M., 2019, p. 72-87 e p.327-329).

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 07 de agosto de 2023 na cidade de São Paulo.

duradouros, que nasceram na década de 2010 e, hoje, mesmo com todas as dificuldades que tiveram para obter recursos para suas realizações, estão vivos e atuantes e se encontram com mais de dez edições, a saber:

- 1) Paraty em Foco – Festival Internacional de Fotografia (eixo RJ-SP), nascido em 2005 e hoje está na sua 19ª edição;
- 2) FotoRio (RJ), nascido em 2003 e hoje está na sua 16ª edição;
- 3) Hercule Florence – Festival de Fotografia de Campinas (SP), nascido em 2007 e hoje está na sua 13ª edição;
- 4) Festival de Fotografia de Tiradentes (MG), nascido em 2011 e hoje está na sua 12ª edição;
- 5) FestFotoPoa – Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre (RS), nascido em 2007 e hoje está na sua 16ª edição;
- 6) Festival Mês da Fotografia (DF), nascido em 2010 e hoje está na sua 10ª edição.

Analisando a tabela abaixo, com os dados obtidos em entrevistas concedidas pelos diretores e idealizadores dos festivais⁷, verifica-se que não há uma padronização em relação a obtenção das verbas para que esses encontros aconteçam. São eventos fundamentais para a reflexão e troca de experiências não só dos artistas visuais e fotógrafos, mas também de toda a cadeia produtiva envolvida nos festivais. Percebe-se que a Lei Rouanet foi fundamental para muitos, assim como as leis de renúncia fiscal dos estados. São impostos que os governos abrem mão para que sejam injetados na atividades culturais. O que também fica evidente é a dificuldade de captação dos recursos, uma vez que as empresas nem sempre tem interesse em apoiar espetáculos, festivais, encontros que não lhes traga muita visibilidade e mídia. Ressalta-se também que muitos festivais se utilizam da chamada “bilheteria”, ou seja uma verba que vem do próprio público do festival quando paga pelas atividades como oficinas e inscrições em

⁷ Entrevistas concedidas nos dias 9, 10 e 11 agosto de 2023, via telefone. Foram entrevistados: Giancarlo Mecarelli e Iatã Cannabrava pelo Paraty em Foco – Festival Internacional de Fotografia (eixo RJ-SP); Milton Guran pelo FotoRio (RJ); Ricardo Lima pelo Hercule Florence – Festival de Fotografia de Campinas (SP); Eugênio Sávio pelo Festival de Fotografia de Tiradentes (MG); Carlos Carvalho pelo FestFotoPoa – Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre (RS); Eraldo Peres pelo Festival Mês da Fotografia (DF).

convocatória, por exemplo. Isso reforça e evidencia o quanto é difícil fazer os projetos acontecerem quando não se tem políticas públicas efetivas e duradouras.

FESTIVAIS DE FOTOGRAFIA	Número de edições até 2023	Teve algum patrocínio via edital público? Qual? Teve apoios do poder público?	Foi aprovado pela Lei Rouanet? Ou outra lei de renúncia fiscal?	Conseguiu captar pela Lei Rouanet ou outra lei similar?	Teve patrocínio privado?	Bilheteria: recebeu do público por cursos, convocatórias, leilões, leitura de portfólios?
Paraty em Foco (RJ/SP), 2005	19	*Prefeitura de Paraty *espaços cedidos	*Sim, na Rouanet *Na Lei de Incentivo Fiscal ICMS/ RJ	*Sim, com várias empresas como Petrobras e Eletronuclear e banco (Itaú)	*Permutas: hospedagens, alimentação, espaços cedidos, impressões	*Sim, por oficinas, leilão de fotografias, convocatórias.
FotoRio (RJ), 2003	16	*patrocínio dos Correios duas vezes *Patrocínio da prefeitura do RJ uma vez	*Sim, aprovados em todas edições pela Lei Rouanet.	*Sim, com Banco Itaú	Por edital da empresa Oi (telefonía)	Sim, oficinas
Hercule Florence – Festival de Fotografia de Campinas (SP), 2007	13	*três vezes editais Proacs/ SP *Editais da prefeitura de Campinas	*aprovou uma vez na Lei Rouanet	*Não conseguiram captar	Permutas: passagens, transporte, impressões, alimentação	Sim, mas arrecadação é irrisória
Festival de Fotografia de Tiradentes (MG), 2011	12	*espaços cedidos pela prefeitura	*aprovou 11 edições na Rouanet. *aprovados uma vez na Lei de Incentivo Fiscal de MG	*conseguiram captar via Rouanet com Itaú, CEMIG, CBMM. *duas vezes conseguiram captar pela lei de Incentivo Fiscal / MG	*Apoios diretos: papeis para impressão, serviços de impressão, hospedagens, montagens de exposições.	Sim, oficinas/ workshops. Convocatórias sempre foram gratuitas.
FestFotoPoa (RS), 2007	16	*uma vez um pequeno patrocínio do banco CEF *Ganhou em 2010 um edital da Funarte	*aprovados em 13 edições pela Lei Rouanet *aprovado tb pela Lei de Incentivo a Cultura do RS duas vezes	*captaram em duas edições com bancos Santander e em nove com Banco Itaú *captaram verba da Petrobras, via Lei Rouanet	*Permutas: passagens, hospedagens	*Sim, convocatórias e leituras de portfólio
Mês da Fotografia (DF), 2010	10	*patrocínios via editais do FAC (Fundo de Apoio à Cultura do DF) *Duas vezes por emenda parlamentar	*Não	*Não	*uma vez teve patrocínio do SESC/ DF	*Não, todas as atividades são gratuitas

Considerações Finais

As atividades e eventos do campo da fotografia, em geral, estão incluídas no segmento das artes visuais, como vimos, fotógrafos e artistas interagem e na arte contemporânea as fronteiras entre um e outro é muito tênue. E nosso setor (a fotografia e as artes visuais em geral) foi alvejado, juntamente com todos outros segmentos da esfera cultural durante a pandemia e durante o governo Bolsonaro que em seu primeiro dia de governo, dia 01 de janeiro de 2019, extinguiu o Ministério da Cultura (MinC). É fato também que o MinC tem sido ao longo da sua história bombardeado – criado em 1985 durante governo de José Sarney para fazer parte do processo de transição democrática pós-ditadura militar foi pela primeira vez extinto pelo governo Collor em 1990 por Medida Provisória. Depois do seu impeachment, Itamar Franco, ao tomar posse, reverteu a medida. Celso Furtado, Francisco Weffort, Gilberto Gil, Juca Ferreira e muitos outros ministros que estiveram a frente do MinC procuraram defender o patrimônio cultural e desenvolver e democratizar as polícias públicas, mas com o golpe jurídico-midiático que afastou a presidente Dilma Rouseff, veio a segunda ameaça: Michel Temer tentou incorporar o MinC ao Ministério da Educação. Durou pouco pois após forte pressão do setor cultural, a medida foi revertida em apenas nove dias. Mas o pior ainda estava por vir quando Jair Bolsonaro rebaixou o *status* do Ministério da Cultura para Secretaria Especial da Cultura, vinculada ao Ministério da Cidadania e depois ao Ministério de Turismo. Secretários como o diretor teatral Roberto Alvim que discursou inspirado em Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista ou a atriz global Regina Duarte, que em entrevista à CNN Brasil minimizou a ditadura militar, tornaram dramática a situação dos artistas e dos produtores culturais com sucessivos cortes orçamentários. Ocorreu a “dilapidação (e aparelhamento) realizados pelo Governo Bolsonaro, que se utilizou da cultura para propagar um discurso nacionalista desconectado da diversidade das identidades brasileiras.” (Moura, A.B. e Rabelo C., 2023).

Atualmente, vivemos um momento de reconstrução da cultura brasileira com o terceiro governo Lula que recriou o MinC com a ministra Margareth Menezes à frente.

Durante governo Bolsonaro, inúmeros projetos inscritos na Lei Rouanet ficaram acumulados para aprovação e nem sequer foram avaliados conforme relatou a auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) que “identificou um alto volume de projetos culturais arquivados em 2020 e 2021, no governo Bolsonaro, que pediam financiamento da Lei Rouanet e ficaram sem resposta.” (Moreno, S., 2023). Muitos deles tinham em seu escopo temas da comunidade LGBTQIA+, questões do movimento negro, indígena e feminista.

Espera-se que essas ações de desmonte sejam revertidas o quanto antes e que se inicie uma nova etapa para a reconstrução. A atual presidente da Funarte, Maria Marighella, anunciou uma série de editais⁸ de fomento à cultura com 52 milhões de reais para programas que impulsionarão os profissionais da cultura, artistas, curadores, técnicos e produtores culturais em seus projetos. Para além de auxiliar os atores desta cadeia produtiva, o maior beneficiado será o público em geral que poderá fruir as artes de todos os tipos. Por exemplo, um dos editais são para “Eventos Artísticos Calendarizados”, o que incluiria os festivais de fotografias que foram aqui citados pois eles já possuem mais de três edições. O problema é que todos os eventos das diversas modalidades (Dança, Teatro, Música, Circo e Artes Visuais) estão juntos disputando e não há um edital específico aos eventos calendarizados no seguimento das artes visuais onde a fotografia se inclui. Foi lançado também um edital específico chamado “Funarte Retomada Artes Visuais” e neste as atividades de criação, formação, pesquisa e reflexão, residência e intercâmbio e preservação de acervos e memória podem ser inscritas.

A Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil⁹, fotógrafos, artistas e profissionais da imagem, têm somado esforços para caminhar e colocar em pauta junto

⁸ Ver site do governo, lançamento dos editais. Disponível em: <https://www.gov.br/funarte/pt-br/editais-1/2023> Acesso em: 02.ago.2023

⁹ Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil: “A Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil – RPCFB foi fundada em 2010 com o objetivo de agregar as diversas produções na área da fotografia que atuam no Brasil para difusão, formação e memória. Somos uma rede do fazer cultural da fotografia, com mais de 300 filiados, representando 103 iniciativas culturais, em todos os estados brasileiros, e é esta característica que possibilita nossa atuação e representação de um segmento tanto vasto como diverso. Temos 48 Festivais de Fotografia em vários estados e municípios, entre outros eventos como mostras, feiras e encontros.” Disponível em: <https://www.redefoto.org.br> Acesso em: 29 jul. 2023.

ao MinC e à Funarte a formulação de uma Política Nacional da Fotografia visando aumentar os fomentos e editais específicos com a criação de prêmios nacionais de fotografia e a construção de um Acervo Nacional que possa guardar a memória imagética da nossa história, cultura, sociedade e movimentos sociais e políticos. Há que persistir nesse longo trajeto.

REFERÊNCIAS

FERNANDES JUNIOR, R. **Labirinto e identidades: panorama da fotografia no Brasil [1946-98]**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MAGALHÃES, A.; PEREGRINO, N. **Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

MAGALHÃES, A.; PEREGRINO, N.; CARVALHO de, V.; FATORELLI, A. (org.) **Coleção Midiateca – Escritos sobre fotografia contemporânea brasileira**. Vol.4: Fotografia na Funarte. 1ªed Rio de Janeiro, RJ: {Lp} press, 2022.

MONTEIRO, C. As mostras da Galeria de Fotografia da FUNARTE: o trânsito das imagens entre as páginas do jornal e o campo das artes visuais. *In: Projeto História*, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/54066> Acesso em: 06 jun. 2023.

MORENO, S. TCU analisa arquivamento de projetos culturais em 2020 e 2021. *In: Agência Brasil*, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jCQ57> Acesso em: 02 ago. 2023.

MOURA, A.B., RABELO, C. (Re) Criação do Ministério da Cultura: Políticas Culturais em (re) construção. *In: IBDCult*, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/sQS16> Acesso em: 11 jul.2023.

TACCA, F. C. La presencia brasileña en el fondo fotográfico del Consejo Mexicano de Fotografía. *In: Lunea Cornea*. Vol 34. México, DF: Centro de La Imagen, 2013. Disponível em: https://issuu.com/c_imagen/docs/lunacornea_34/148 Acesso em: 07 jun. 2023.

ZARATTINI, M. R. **O Festival Internacional de Fotografia: Paraty em Foco e a legitimação da fotografia contemporânea**. 2019. Tese (Doutorado em Estética e História da Arte) - Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.93.2019.tde-10122019-163735. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jkqL8> Acesso em: 07 jun. 2023

ZERWES, E.; COSTA, E.A. Os Colóquios Latino-americanos de Fotografia e a institucionalização de uma fotografia brasileira. *In: Revista de Estudos Brasileiros*, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fiMOW> Acesso em 06 jun. 2023.